



INTERSEÇÕES

Igualdade entre Mulheres e Homens e a Educação para o Desenvolvimento

Auditório do Camões - Instituto da Cooperação e da Língua | Rua Rodrigues Sampaio, 113, Lisboa

SEMINÁRIO FINAL - 27.04.2022

Alexandra Silva, Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres

Boa tarde,

Quero começar com a frase de uma jovem feminista ativista dos direitos humanos das mulheres: “Uma criança, um, uma professora, um livro e uma caneta podem mudar o mundo.” Malala Yousafsai

Todas e todos já ouvimos vezes sem conta esta frase. Talvez nos tenhamos acostumado a ela. Mas a verdade é que esta frase contem em si mesma uma parte significativa da *receita* para a mudança social.

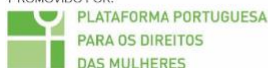
A educação, e em particular a educação que mobiliza saberes internos a cada aluna e aluno, assim como a cada docente, pode determinar não apenas o futuro individual, mas, acima de tudo, o futuro de uma sociedade.

E o futuro de qualquer sociedade passa pela realização dos direitos humanos inerentes a mulheres e a homens.

Há uma consciência crescente de que a educação é um dos meios mais valiosos para se alcançar a igualdade entre mulheres e homens e a realização efetiva e substantiva das mulheres, isto é, a igualdade firmada em direitos e realizada na vida.

Porque a igualdade implica direitos iguais para mulheres e homens, raparigas e rapazes, mas também a mesma visibilidade, empoderamento, responsabilidade e participação, em todas as esferas da vida pública e privada.

PROMOVIDO POR:



Nunca é por demais termos presente: a **educação é um direito humano e constitui um instrumento indispensável para se alcançarem objetivos de igualdade, desenvolvimento e paz.**

Porém, nos dias de hoje, em Portugal, ainda persiste um profundo enviesamento de género nos currícula escolares e nos materiais pedagógicos, que raramente têm em conta as necessidades específicas de raparigas e mulheres. Isso reforça os papéis femininos e masculinos tradicionais, privando as mulheres das oportunidades de participação plena e igual na sociedade. A falta de sensibilidade de docentes e de educadoras e educadores de todos os níveis relativamente às diferenças de género acentua as desigualdades entre mulheres e homens, ao reforçar as tendências discriminatórias e ao enfraquecer a autoestima das raparigas.

Ora, **a educação não discriminatória beneficia tanto raparigas como rapazes, conduzindo, assim, em última instância, a relações mais igualitárias entre mulheres e homens.**

Daí fazer todo o sentido que se aposte na criação de um contexto educativo e social no âmbito do qual mulheres e homens, raparigas e rapazes:

- sejam tratados em pé de igualdade e encorajados a desenvolver integralmente as suas potencialidades,
- que respeite a sua liberdade de pensamento, de consciência,
- e no qual os recursos educativos promovam pensamento, reflexão e imagens não estereotipadas das mulheres e dos homens.

Esse contexto educativo contribuiria eficazmente para eliminar as causas da discriminação contra as mulheres e das desigualdades entre mulheres e homens.

Junte-se a esta equação as questões que se prendem com a nossa relação com o Mundo global. E aqui entra a Educação para o desenvolvimento, ou para a Cidadania Global.

A Educação para o Desenvolvimento (ED) “visa a **consciencialização e a compreensão das causas dos problemas do desenvolvimento e das desigualdades** a nível local e mundial, num contexto de interdependência e globalização, com a finalidade de promover **o direito e o dever de todas as pessoas** e de todos os povos **a participarem e contribuírem para um desenvolvimento integral e sustentável**”, como nos diz o Referencial de Educação para o Desenvolvimento

A ED constitui uma poderosa ferramenta para desconstruir estereótipos e para combater e prevenir todas as formas de discriminação em razão do sexo, da pertença étnica, da nacionalidade, da idade, da deficiência, da religião, da orientação sexual, entre outros.

Nesse sentido, a iniciativa Interseções, centrada na reflexão partilhada entre peritas em igualdade entre mulheres e homens, e peritas em educação para o desenvolvimento, traz (hoje à luz do dia) um recurso que cruza estas matérias.

É um recurso que (esperamos) contribui para que docentes, educadoras e educadores tomem consciência da condição, do papel e do contributo das mulheres e dos homens para a sociedade, nomeadamente promovendo, através de exemplos de propostas educativas e do trabalho prático com discentes, a igualdade, a cooperação, o respeito mútuo e a corresponsabilidade entre raparigas e rapazes.

É, ainda na nossa perspetiva, um recurso que procura despertar as e os docentes para o seu próprio papel no processo educativo e a proporcionar-lhes estratégias eficazes para um ensino que toma a realização da igualdade

entre mulheres e homens, no quadro das temáticas da ED, como força motriz da transformação social.

A Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres (entidade que neste painel represento) tem, desde a sua génese, a educação como uma das temáticas centrais. Procuramos, através de projetos específicos, mas também de oficinas, ações de conscientização e de formação, trazer ao conhecimento de todas as pessoas (e em particular das mulheres) os principais tratados e instrumentos normativos internacionais, regionais e nacionais.

Temos na Convenção sobre Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (CEDAW), na Plataforma de Ação de Pequim, na Convenção do Conselho da Europa sobre a prevenção e o combate à violência contra as mulheres e a violência doméstica (Convenção de Istambul), na Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas 1325 sobre mulheres, paz e segurança e na Recomendação do Conselho da Europa (2019) sobre a prevenção e o combate ao sexismo - para destacar aquelas com as quais mais trabalhamos – as nossas âncoras de intervenção.

Enquanto coletivo de 28 organizações promotoras dos direitos humanos das mulheres, temos, na educação para igualdade entre mulheres e homens e também na educação para o desenvolvimento, a tal parte significativa da *receita* para a mudança social com que comecei esta minha comunicação.

Para nós, PpDM, só faria sentido sermos parte desta iniciativa. Porque o que nos move é a transformação social e a realização substantiva da igualdade entre mulheres e homens. E esta iniciativa enquadra isso mesmo.

Resta-nos agora ver como continuar daqui para a frente, sabendo que não basta fazer um recurso, há que “praticá-lo”!

Obrigada!